

## A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS<sup>1</sup>

Salvador Pires<sup>2</sup>  
[prof.salvadorpires@gmail.com](mailto:prof.salvadorpires@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo apresenta as dificuldades e propostas da escola em nosso sistema de ensino, podemos perceber que a mais de vinte anos. O enfoque de como se trabalha a aprendizagem da leitura é tema constata em diversos contextos, quer sejam socioeconômico e cultural, ou por estratégia metodológicas arcaicas. Diante da realidade em que são formados nossos alunos perceber-se que não existem praticas coerente para o ensino da leitura, devida a pouca importância que é dado a essa aquisição e pela falta de preparação docente. O que se espera e se estimula, através de diversas propostas não e nosso real, mas a resolução desse problema dependera da pratica, da ação do professor em sala de aula. Exige-se hoje, uma formação ampla e dinâmica que respeite a experiência do aluno e valorize-a. Para tal, é necessário um professor consciente e corajoso, que ouse que parta para a pesquisa e ações que tragam para dentro da escola a verdadeira responsabilidade de ensinar (não só decifrar), e que deve ter como pressuposto teórico a alfabetização como educação integral, ampla e globalizada em todos os aspectos. O presente trabalho traz uma breve pesquisa com alunos e professores sobre o tema envolvendo o referencial teórico consultando e analisando, e algumas propostas colhidas e vivenciadas no decorrer da elaboração do mesmo. Espera-se que as mudanças aconteçam de forma prazerosa para o aluno e o professor e em todos os hábitos escolares e dentro de sala de aula que a educação acontece, e precisamente através da aquisição do ato de ler que se inicia esse processo para o aprendizado de mundo.

**Palavras – Chave:** Leitura e escrita – qualificação do Professor – aluno x sociedade.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado à Faculdade Afirmativo/Prisma como requisito final para obtenção do título de especialista em Gestão Educacional, Orientação e Supervisão Escolar.

<sup>2</sup> Graduado em Pedagogia pela AVEC.

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre as formas de ensinar que demandam desde os tempos medievais recaem na maioria das vezes em propostas metodológicas que podem dar certo num determinado grupo. É dentro dessas teorias que surge a representação da pedagogia ativa, defendendo que a educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura.

Sob esta concepção a escola deve representar a vida presente, real e continua para aprendizagem do aluno, globalizando suas experiências adquiridas em casa, no bairro e no pátio da escola.

Ao ingressar na escola o aluno já está envolvida em uma experiência educativa em que o processo de transformação e construção de conhecimento está integrado às práticas vividas. Nessa perspectiva, o aluno deixa de ser um aprendiz do conteúdo de um ser humano que está se desenvolvendo e aproximando-se de um objeto de conhecimento cultural e se formando como sujeito cultural.

Portanto, isso significa que é impossível homogeneizar os alunos, e desconsiderar suas histórias de vida, seu modo de viver, suas experiências culturais e dar um caráter de neutralidade aos conceitos, desvinculados dos conteúdos socio-históricos que os gerou.

O objetivo fundamental da escola deve ser de criar condições favoráveis ao desenvolvimento global da criança, de forma harmoniosa, em seus aspectos físicos, sócio-emocional e intelectual. Priorizar apenas um desses aspectos em detrimento dos demais será danoso, pois o desenvolvimento se realiza sempre de forma integrada.

Quando Paulo Freire nos coloca que já estava alfabetizado quando iniciou sua vida escolar e que sabia ler (algumas palavras), ele nos demonstra que ler não é o simples fato decifrar fonemas e morfemas, mas que se aprende a ler o mundo muito cedo e de forma natural.

Criança não pede para começar a aprendizagem da leitura e escrita, ela participa desde cedo de atividades que envolvem o ler e o escrever, procuram compreender o que as palavras significam.

## **1- O IDEAL E O REAL NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A PRÁTICA DE LEITURA.**

A abordagem da temática da leitura e escrita, discutindo sua importância, explicitando a compreensão crítica da alfabetização e a função da escola, apresenta uma amplitude e uma diversidade de pensamento e análises.

Ao partimos do real, onde concluímos onze anos de formação, candidatos aos cursos superiores apresentam baixos “escores” de desempenho lingüístico em “vestibulares” e os textos produzidos em tais situações, foram tomadas como “corpora” de análises textuais ou discursivas, onde os resultados parecem revelar inúmeras incapacidades: de ler e compreender um texto; de formular paráfrases; de extrair informações relevantes; de manipular recursos tipicamente orais e próprios da modalidade escrita.

Estas, entre outras supostas incapacidades, deixou em alerta aqueles que defendiam uma “educação humanista”, em que através de sua iniciação na biblioteca, as pessoas adquiriam uma determinada maneira de defender o tempo humano (certo sentido de tradição e de continuidade no tempo) e uma determinada forma de entender a comunidade (um certo sentido ao pertencimento).

“... a educação era uma questão de linguagem: uma questão de falar e de escrever , de escutar e de ler, de fazer coisas com palavras, de introduzir novos membros da comunidade num universo de signos, cuja encarnação mais emitente era a Biblioteca...A leitura”.(LARROSA, 1955. p.44)

“As causas de tais “maléficos” variam segundo o olhar de cada analista, atribuindo maior ou menor á culpa da escola e seus professores; aos modernismos da “tecnologia educacional” e seus exercícios de múltipla escolha; ou, de outro lado, á “ depauperização” do magistério, seus baixos salários e péssimas condições de trabalho.

No embate entre propostas de ensino, ora aparecem defesas de um retorno ao ensino tradicional, centrado em obras literárias e clássicas e nas suas classificações e normatizações gramaticais, ora emergem soluções elaboradas no interior de concepções “lastreadas” em estudos lingüísticos mais recentes,

inspirando-se essencialmente na lingüísticas da enunciação e na psicologia sócio-historica(Vigostki).

Após a “abertura política” a questão vem merecendo a investigação do estado, em face de tantos questionamentos, e está acontecendo através de Planos curriculares nacionais e estadual, e geralmente esses planos vem acompanhado de projetos de formação de professores. “Nestas intervenções que avançam paulatinamente, as propostas sócio-internacionistas tornam-se hegemônicas, e a noção de intervenção e interação, somou-se a noção de “negociação orientada” para determinados fins que envolvem o processo das “relações de ensino”, ou seja:

Em sala de aula, tais práticas não podem, obviamente, ser tomadas como atividades, estanques, Mas ao contrario interligam precisamente na unidade Textual ora objeto de leitura, ora resultado da Atividade produtiva do estudante. A interação Lingüística se dá concomitantemente á leitura, Quando esta deixa de uma compreensão se tornar Construção de uma compreensão dos sentidos Vinculados pelos textos. (MEC-1986).

Ao analisarmos as críticas de especialistas (aqueles que procuram enxergar a trama tecida na totalidade de qualquer fenômeno sócio-cultural), as discussões sobre os problemas da leitura se colocam em níveis superiores aos das “desculpas” simplistas e reducionistas, elaboradas pelo senso comum. E em se tratando do desenvolvimento e consolidação da leitura em nossas escolas, devemos pensar em termos de cultura e conceitos de nossos professores, que atribuem aos bloqueios de fruição da leitura e conseqüentemente da escrita, problemas que eles próprios camuflam de forma ingênua e irresponsável, partindo de um método tradicional de ensino, voltado para os passos de silabação e cartilhas (arcaicas) em conjunto com o alfabeto.

Mediante as propostas existentes, a que propõe que o ensino seja centrado em três atividades práticas, sendo: a leitura de textos; a produção de textos e a análise lingüística, não acontece em nossas escolas, pois exige do professor um amplo conjunto de informações que ele ignora ou não consegue por em prática.

Essas relações de ensino exigem um processo interativo em sala de aula, entre professor/aluno. E, na “emergência” dos acontecimentos, modificam-se os sujeitos envolvidos pela compreensão dos objetos e temas. “Sobre “que se

debruçam, e que constroem os verdadeiros” conteúdos”, previstos ou não da relação pedagógica.

Na tarefa de ensinar ao contrario, nada de novo emerge do próprio processo. Trata-se transmitir de um lugar pra outro (do professor para o aluno em blocos fechados e acabados, um conhecimento prévio já definido.

Para que as práticas propostas não se tornem apenas outro rótulo para atividades tradicionais e mecânicas das lingüísticas ao ensino da língua materna.

A compreensão adequada desses pressupostos permite aos sujeitos envolvidos na relação de ensino, a construção coletiva e criativa de situações.

O estranhamento de uma criança de grupos sociais desprivilegiados inicia-se na diferença da escola para aprender a ler e escrever, dos modos e visão do mundo a que se habituara nos convívios de que participou.

Desde muito cedo as crianças procuram compreender o que as palavras significam. Bem antes de ler ou escrever no sentido convencional, são capazes de inventar interpretações para os sinais escritos e produzir suas próprias escritas.

A pesquisadora Argentina Emilia Ferreiro, considera um equívoco introduzir na escola o período preparatório á aprendizagem da leitura e da escrita, durante o qual as crianças fazem exercícios de discriminação visual, auditiva e de coordenação motora, lembra que a criança é mais que um par de olhos, um par de ouvidos e uma mão que escreve. Ela possui um cérebro que pensa e constrói suas próprias interpretações sobre o que vê. “Ela declara: todas as crianças que temos na sala estão maduras para a leitura” e questiona “o que você esta esperando para semear livros, revistas e todo tipo de textos na sua sala de aula?

Segundo a autora, as crianças diante de um texto, levantam hipóteses sobre o seu significado, e a partir de imagens, buscam pistas para confirmar ou não tais hipóteses. Empenham-se em atividades intelectuais complexas, que vai além da simples adivinhação. E quanto mais informações elas tiverem sobre a estrutura, os usos e características da linguagem escrita e dos diferentes materiais impressos, mais fácil será encontrar pistas e compreender o significado.

No processo pedagógico, não se trata de substituir uma variedade por outra (por que uma é mais rica que a outra, ou mais certa), mas se trata de construir possibilidades de novas interações dos alunos (entre si, com o professor

e com a liderança cultural) e é nestes processos interlocutivos que o aluno vai internalizando novos recursos expressivos, e por isso mesmo novas categorias da compreensão do mundo. Trata-se, portanto, de explorar semelhanças e diferenças, num diálogo constante e não preconceituoso entre visões de mundo e modos de expressá-las.

Aprender a ler é, assim, ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontramos frente a frente a interagirmos com elas. Seremos capazes de compreender, criticar e avaliar os modos de compreender o mundo.

Ao ingressar na escola a criança já está pré-alfabetizada. Não porque sabem ler e escrever, mas pela convivência em casa e sua leitura de mundo. Criança não pede para aprender o que é a leitura e a escrita, ela simplesmente descobre, através da lista de compras da mãe, imagens e mensagens escritas, placas, anúncios, etc.

No trabalho a importância do ato de ler de Paulo Freire, o autor faz uma retrospectiva até sua infância para comprovar e nos convencer que ao ingressar na escola já estava alfabetizado, não pelas palavras decodificadas com ajuda de seus pais e sim pela visão que possuía de seu mundo, do quintal de sua casa, de sua rua e que ao chegar a escola a professora continuou e aprofundou o trabalho que seus pais haviam iniciado e que sua alfabetização passou a dar-lhe uma visão maior uma visão de mundo, reafirmando que: “ a alfabetização é um ato político e criador, ato de conhecimento. (Freire.1989 p.19)”

A proposta da obra, segundo o autor é rever a importância da leitura, sua compreensão, seu desenvolvimento e de que forma deve acontecer para a criança e também para adulto. Onde o professor deve trabalhar o real, com objetos conhecidos e que fazem parte do cotidiano do estudante. Avançado na capacidade de cada um sempre através de ações concretas onde acentua a prática para o aprendizado, “praticando, aprendemos a praticar melhor”. Respeitando o povo e sua cultura e provocando ações transformadoras em defesa da cultura:

“uma educação que não favorece a mentira, as idéias falsas, a indisciplina. Uma educação política, tão política quanto qualquer outra, mas que não tenta passar outra neutra. Ao proclamar que não é neutra, que a neutralidade é impossível, afirma que seu interesse é o do nosso povo”. (FREIRE, 1989. p.80).

Dentro desses mesmos pressupostos, Madalena Freire (1993), demonstra em sua obra através de relatos de práticas educativas da mesma na pré-escola e na escola da vila em São Paulo. A obra é composta e três partes: relatório das experiências diárias e inter-relacionamento (teoria e prática). Apresenta enfim que o ato de aprender (conhecer) é tão importante para a criança como correr e dormir e deve acontecer naturalmente.

Neste sentido, podemos afirmar que os elementos e combinações presentes na fala infantil, nos indicam a maneira de trabalhar com elas.

As primeiras aprendizagens de fala giram em torno de nomes de pessoas, animais e objetos que estão no mundo em que a criança vive. É pelos sentidos que as mesmas conhecem os seres e os nomes e ao viverem suas experiências, são sujeitos ativos e aprende no mundo.

Assim, a escola deve aproveitar o que ela já sabe, propondo tarefas de enriquecimento ou de registro de palavras usadas pelos alunos. A criança deve ter acesso a várias fontes de leitura e experientes, intensificando os processos de interpretação e compreensão de tudo que lhe é comunicado.

## **2- PROPOSTAS DE PRÁTICAS DE LEITURA**

O gosto pela leitura não nasce com as crianças, mas deve ser desenvolvido com a ajuda dos pais e educadores. Poucas crianças têm o hábito para leitura, devemos buscar meios para incentivá-las desde cedo, com estímulos ao saber e conhecer, enriquecendo seu vocabulário, despertando sua sensibilidade, criatividade e gosto pela descoberta da leitura.

A falta de hábito da leitura é consequência da falta de hábito dos pais, assim a maioria destas crianças tem um primeiro contato com a leitura é encaminhada pelo professor, visa obrigações, pois infelizmente muitos de nossos professores não gostam de ler e não conhecem as técnicas de leitura e licenciatura e impõem á aprendizagem da criança obrigações e censuras no seu desenvolvimento cognitivo, que deve acontecer naturalmente e de forma real.

Não só da escola a responsabilidade de formar o leitor. Todo esse fabuloso processo deve ter início no lar, quando a criança está na fase das descobertas. Mais tarde ao ser alfabetizada a criança já é um leitor em potencial e o professor só irá desenvolver essa habilidade, aperfeiçoando, através de toda diversidade de leitura que a criança já possui.

Tendo como base o referencial teórico consultado para o desenvolvimento do presente trabalho, e os conhecimentos já adquiridos na experiência diária, relatamos aqui algumas técnicas que podem servir como proposta para a melhoria da problemática da prática de leitura em sala e formação crítica de leitores.

Como afirma (GAGLIARI, 1889) “o conhecimento lingüístico do professor é importante e primordial para a formação de bons leitores. E com incentivo ao que se sabe e o aperfeiçoamento desse conhecimento que a criança avança em seu aprendizado”.

Dentro deste contexto não podemos esquecer o que é apropriado para cada idade da criança, além de exigir que tenhamos o conhecimento nesta área, onde a criança inicialmente gosta de conto de fadas que, falam de princesas, príncipes, reis; que segundo a interpretação dos psicanalistas às figuras correspondem ao pai, mãe, irmãos. Por quem a criança se apaixona nesta idade e cuja vivência ela precisa ter para crescer. Estas histórias colaboram para que seus sentimentos de ciúme, amor, inveja, sejam vivenciados. Já os adolescentes gostam de aventuras, tudo o que mostra como é possível superar os problemas e que, afinal eles são comuns a todo mundo.

A leitura é uma arma poderosa, lendo a criança adquirem saber, amplia sua visão de mundo, enriquece o vocabulário, desperta sua sensibilidade, criatividade e escreve com mais facilidade. Além de ingressar num mundo de fantasia a ser descoberto, onde se deparam com histórias e buscam respostas, e apresentam novas emoções.

Aproveite as situações e invente historinhas, cujos personagens se identificam com pessoas da casa ou da escola, com bichinhos, etc... tudo mais próximo do dia-a-dia da criança. Nestes casos é muito bom que os pais ou professor participem da leitura, interessando-se pelas gravuras, perguntando à criança se gostou da história.



Mas nada de questionários intermináveis que testam a compreensão do texto e que associam a leitura a dever, criando uma barreira a imaginação. A palavra está lá para ser compreendida e aproveitada de maneira diferente, dependendo da vivência e da sensibilidade de cada criança.

Na escola, o material de leitura deve ser selecionado, obedecendo uma graduação e seqüência de acordo com a faixa etária, o gosto e preferência dos alunos.

Para facilitar o interesse, a aceitação e daí o gosto pela leitura, não esqueça a correlação com o real de suas vidas, o contexto sócio-cultural em que vivem.

O bom professor é sempre um bom leitor e um incentivador da leitura. Para tal, deverá criar situações que estimulem os alunos para gostar de ler. Ele poderá estabelecer com a classe, alguns horários destinados á atividades preparatórias ou que estimulem a leitura. Eis algumas sugestões:

*“combinar com a classe um dia e hora para ouvir e contar histórias; preparar e executar, perante os alunos, a leitura expressiva de uma história curta; pedir a leitura de um mesmo livro para toda classe e solicitar que recriem sua própria história; incentivar a livre escolha de livros na biblioteca da escola, para ler em casa; brincar de teatrinho dramatizando historinhas lidas”.*

### **3- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura, reconhecida como instrumento fundamental de aprendizagem, deve antes de mais nada ser acompanhada de forma a conduzir um ensinar a ler para ler. Onde os alunos devem perceber de que aprender a ler é interessante e divertido, e que esse aprendizado lhe permitirá mais autonomia e competência em todas as suas atividades.

A escola deve trabalhar, desde as séries iniciais, textos de diversas naturezas e fazer um cruzamento entre os mesmos para que a criança adquira os conhecimentos necessários a aprendizagem de forma significativa, valorizando suas experiências e aperfeiçoando-as na medida e assimilem novos valores.

Diante da gama imensa de obras sobre o assunto, podemos destacar aquelas que apresentam uma proposta interacionista, isto envolve uma interação aluno/livro aluno/leitor aluno/professor, onde deverá existir sempre a preocupação com o conteúdo específico mediado pela prática de leitura e a formação dos conceitos.

É necessário que haja mudanças na postura do professor não só o professor alfabetizador, mas de todos os professores em relação à valorização da leitura em sala e a forma de ensinar os conhecimentos formais. Para tal existem as mais diversas atividades que surgiram da necessidade de reformulação no sistema de ensino nacional.

Enfim, para solucionar as deficiências na aprendizagem de leitura e conseqüentemente em todas as atividades escolares, necessário se faz que se adaptem novas práticas (propostas a um longo tempo) e que emergem sobre a forma de ensinar da atualidade.

#### **4 – REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam.** 23ª Ed. São Paulo: Autores associados, Cortez, 1989.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização.**

FREIRE, Madalena. **Paixão de conhecer o mundo.** 10ª Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1993.

GAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística.** São Paulo: Sipione, 1989.